

Mãe acusa médicos de hospital de RR de omissão

Segundo Rosângela, que teve trigêmeas, a diretora da maternidade escondeu informação sobre a existência de infecção hospitalar que pode ter matado duas de suas filhas; a terceira se recupera em Brasília

RIO — A mãe das trigêmeas nascidas prematuras no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré, em Boa Vista, Rosângela Reis, acusou ontem no Rio os médicos daquele estabelecimento, entre eles a ex-diretora Odete Domingues, de esconder a existência de infecção no local. Duas das trigêmeas morreram, além de outros 30 bebês nascidos na maternidade nos últimos 20 dias. A Nossa Senhora de Nazaré é a única maternidade pública de Boa Vista, Roraima, e ali são realizados 600 partos por mês.

O número exagerado de mortes de recém-nascidos só se tornou conhecido depois do parto de Rosângela, o primeiro de trigêmeos realizado em Boa Vista. Os pediatras das meninas Lorena, Leticia e Lilian, nascidas no dia 17, constataram que elas estavam com boa saúde e só precisavam ficar alguns dias em uma incubadora. O berçário estava interditado e as crianças tiveram de ficar em um quarto improvisado. Não havia ar-condicionado e a temperatura era de 40 graus. O sol batia sobre a incubadora que, por falta de refrigeração, tinha de ser desligada a intervalos regulares.

Segundo Rosângela, o serviço de limpeza também era precário: A mãe das meninas teve de retirar formigas de dentro da incubadora com as próprias mãos. Na noite do dia 19, as meninas começaram a ter febre, mas o respirador artificial do hospital também estava quebrado.

No domingo à tarde, Leticia morreu. À noite, foi a vez de Lorena. Lilian foi levada às pressas pelo pai, Gladstone Leitão e Silva, para Brasília, onde está se recuperando na Clínica Santa Lúcia. "Houve omissão da diretora e dos médicos de Boa Vista", disse Rosângela. "Nosso erro foi ter confiado demais neles."

Estado — Por que você decidiu fazer o parto nesse hospital?

Rosângela Reis — Desde o começo da minha gravidez, sabia que esperava trigêmeas. Comecei então a pesquisar um lugar adequado para fazer o parto. Fui informada de que esse hospital tinha todas as condições. A cidade só tem três clínicas — que não fazem parto de trigêmeos — e um outro hospital que me disseram ser pior que o Nossa Senhora de Nazaré.

Estado — Quando as meninas começaram a ter febre o que os médicos diziam?

Rosângela — Eu e meu marido perguntávamos o tempo todo o que estava ocorrendo e eles diziam que estava tudo bem. Não nos disseram que não tinham equipamentos, nem que havia uma infecção hospitalar. Eu deveria ter sido orientada quanto aos riscos. Teria saído do hospital logo depois do parto.

Estado — Você acha que a falta de equipamentos no hospital foi determinante para a morte das meninas?

Rosângela — Sim, com certeza elas poderiam ter sido socorridas. Mas o respirador artificial estava quebrado, ficaram apenas fazendo massagens nelas. No dia que entrei no hospital, não tive sorte. Estava superlotado e tinha apenas uma incubadora vaga. Colocaram as três meninas em uma só incubadora. Só no sábado (dia 19) separaram as três.

Estado — Sua médica particular era a diretora do hospital, Odete Domingues. Ela não a avisou sobre os problemas?

Rosângela — Não, ela não me alertou de nada. Tratou-me muito bem, fez um ótimo parto. Recebeu-me quando eu fui falar que havia formigas na incubadora e colocou uma enfermeira apenas para as três meninas. Mas estava sabendo de tudo e não me disse nada. Tanto ela quanto os pediatras que atenderam as meninas. Só depois que a primeira morreu, uma pediatra do hospital me disse que havia infecção hospitalar.

Estado — Por que o berçário não estava funcionando?

Rosângela — Ele estava sendo desinfetado, certamente por conta da infecção hospitalar. Mas a diretora disse que era um procedimento de rotina. Por isso, improvisaram um berçário em um quarto. Estava muito quente e não tinha ar-condicionado. Tentamos colocar um aparelho mas não deu. Levamos, então, um ventilador. O sol batia o dia todo e tinham de desligar a incubadora por causa do calor.

Estado — Vocês pensam em processar o hospital?

Rosângela — Estou indo para Brasília, no domingo, para encontrar meu marido e minha filha. Então vamos conversar melhor. Agora pensamos apenas na guerreira, é assim que chamamos Lilian. Ela era a mais magrinha, foi para Brasília sem máscara de oxigênio e chegou lá firme e forte. Está tentando combater a infecção. É a nossa guerreira.

SOL BATIA NA INCUBADORA QUE, POR FALTA DE REFRIGERAÇÃO, TINHA DE SER DESLIGADA